

REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL
Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS
S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA
R. do Norte, 91 — LISBOA

UM IDEAL DESFEITO

Ha um anno, animado das mais puras intenções e encarando serenamente todos os perigos e dissabores a que nos expunhamos, tivemos a ousadia de fundar esta Revista, appellando então para a boa vontade de todos e muito especialmente dos nossos compatriotas.

O nosso programma estava definido em termos que não deixavam duvidar que o nosso ideal era a concretização de todas as forças vivas de Cabo Verde, para uma só idéa: — a de pugnar pelos interesses geraes d'esta Colonia, promover o seu desenvolvimento, o seu progresso moral, e formar um nucleo que, embora com sacrificios de algumas conveniencias, se impozesse pela força do Direito, da Justiça, e dos bons principios, á consideração que merecem todos aquelles que pelejam pelas causas justas, e muito particularmente em pròl da patria.

Sabiamos d'ante-mão que a empresa offerecia enormes difficuldades e que hoje raros são os homens que acceitam encargos que exijam sacrificios; mas esperavamos especialmente que a raça creoula, desprezada, humilhada e sacrificada como tem sido, se puzesse alerta e francamente ao lado do primeiro gladiador que sahisse á arena, para lutar em favor dos seus direitos calcados aos pés e do seu brio offendido e enxovalhado todos os dias.

Desgraçadamente assim não succedeu: démos o grito de alarme, quizemos levantar este povo, esta raça de homens nascidos sob um ceu abrazador e torrificante, e o nosso grito repercutindo-se pelas quebradas d'esta solidão não encontrou um peito amigo!

N'este immenso e silencioso deserto só encontrámos homens frios como o gèlo, uns amordaçados e acorrentados como um condemnado ao poste das dependencias officiaes e particulares, outros inquinados da mais vergonhosa indiferença, e muitos mostrando-nos os dentes aguçados nos torneios frequentes da malevolencia ignobil e da malvadez torpe e vil.

Não chegaram a meia duzia os defensores e os amigos dedicados d'esta terra, que se alistaram n'esta Santa Cruzada de pugnar pelo levantamento moral e material de um povo nosso irmão, que precisa de instrucção, de protecção e de justiça!

Muitos filhos de Cabo Verde, que estavam em condições vantajosissimas de independencia e illustração, e que nos podiam ter prestado valiosissimo e proficuo apoio, collocaram-se na mais rigorosa abstenção e deixaram-nos sósinhos em campo, e alguns até faziam côro com os inimigos do progresso da nossa terra e com os detractores da capacidade moral da nossa raça, prejudicando a causá que advogavamos e concorrendo para o rebaixamento do character Cadoverdiano.

Os nossos assignantes, uns abandonaram-nos, outros não pagaram as suas assignaturas, resultando terem os nossos pequenos recursos financeiros sido fortemente sacrificados n'esta empresa.

A' roda da nossa humilde individualidade, expandem-

se injustos rancores e odios, só porque amamos o progresso da nossa terra.

Os Caboverdianos, nossos compatriotas que pela sua situação e condições sociaes podiam e deviam unir-se para trabalharem, em commum, pelo nosso engrandecimento e prestigio, dividem-se e esphacelam-se em pequenos partidos, amesquinhando-se mutuamente e enredando-se em intrigas e malquerenças, que prejudicam a nossa causa, e depõem contra os nossos sentimentos de patriotismo.

No meio d'esta *débacle*, d'esta desorientação das coisas e dos homens, são inuteis os nossos esforços, e vão os nossos clamores.

Ninguém nos escuta porque ninguém quer ouvir a verdade e a justiça. O meio caboverdiano está corrupto: a politica de interesse geral não preoccupa ninguém, porque a politica das conveniencias proprias, os caprichos futeis, as vaidades tolas e o egoismo destruíram e eliminaram todos os sãos principios de moralidade, todos os sentimentos civicos, todo o brio e a força que fazem forte e respeitada uma raça!

Desditosa patria!

Como atraz dissemos, temos ainda uma grande parte de assignaturas por cobrar, e para não augmentar o *deficit* d'esta publicação, resolvemos suspendel-a até que ella possa contar com meios mais seguros de vida.

A todos os nossos estimaveis collaboradores, apresentamos n'este momento os protestos de um indelevel reconhecimento pelo auxilio prestado até hoje a esta publicação.

O DIRECTOR.

NÃO MORREU

Na capital, alguém, — um neutral — temperando-se com a sua pontinha de ironia, me perguntou:

— E a mudança da capital? morreu?

Da mais pequena das ilhas, do cucuruto d'esse morro condemnado, despresado mesmo, pelo commum da gente, pela gaiteira maioria que vae usurpando, em Cabo Verde, o direito de pensar e que se deita com a maior sem cerimonia, a exercer illimitada licença de asnear, — (a qual licença abrirá paginas na historia da estupidificação do povo caboverdeano); do remanso da minha aldeia apraz-me responder:

Não. A questão da mudança da capital não morreu. O meio em que ella foi debatida é que estava, já de ha muito, sem muita gente dar por tal, morto e bem morto. O tribunal perante o qual ella devia ser discutida, e pelo qual devia ser julgada é que vinha marasmado, atónico, na mais evidente incapacidade de decidir, de concluir, de pronunciar-se. Porque, — quem sabe lá! — talvez reconhecendo-se em absoluta impossibilidade de, sem bamburrio, acertar, se sentisse sem coragem de arcar com as pesadas responsabilidades de errar.

A questão em si, não pôde morrer, porque é uma questão vital.

Estabelecida ella, o futuro d'estas ilhas ramificou-se em dois caminhos: um que leva ao moroso desenvolvimento, interrompido de longos estacionamentos; outro que voa ao rapido e desanuviado engrandecimento dos progressos modernos.

Esse carro de bois da politica local, lá se quiz deixar arrastar pela velha estrada, dando a medida exacta do senso colonizador da nossa descadeirada raça; um nucleo de homens novos, porém, completamente voltadas para o futuro, metteram um travão ao fossil carricoche: — Esperam que amanheça; a luz dir-nosha qual é o melhor caminho. —

Eis a rasão d'estas treguas, ás quaes, está ahí a neutralidade a dar proporções de morte.

A questão não morreu, pois; foi, simplesmente, adiada.

E traz-me, esse adiamento, á lembrança, um facto que, de passagem, devo contar, mau grado algum respeito que impõem certas cousas, nas quaes a gente se acostumou parvamente a ver pontos respeitáveis. E é o caso de um amigo meu lesado em seus direitos, esbulhado de alguns bens, se reservar, diz elle, para pedir a manutenção da posse d'elles, lá quando a justiça fór mais dignamente representada n'esta comarca de Sotavento¹.

Semelhantemente, a questão da mudança da capital ficou adiada para mais claros dias de orientação governativa, lá para quando os poderes publicos se desvestirem de proselitismos e se furtem, na resolução dos problemas administrativos, a nocivas influencias de sympathias pessoasas.

Porque, afinal, essa questão foi debatida nas barbas da governança que, a respeito d'ella, devia, necessariamente, ter chegado a uma conclusão que, de todo em todo, não desmentisse a capacidade moral das cabeças dirigentes. E, o que fez o governo?

Alguem cuja graça não posso dizer agora, me responde de sobre os hombros, curvado sobre a meza em que escreva:

— «Pronunciou-se aberta mas particularmente contra S. Vicente; incompatibilisou-se com S. Vicente; oppôz embaraços á realisação de todos os melhoramentos iniciados em S. Vicente; facilitou á Praia precisamente aquillo que dificultava a S. Vicente; irritou o animo d'uma gente trabalhadora e energica; e, por ultimo, a uma outra ilha, á renegada de Sotavento, que, pela opinião da maioria de seus filhos se pronunciara por S. Vicente, mandava-a manietara o poste das execuções fiscaes, perseguia os seus negociantes, desattendia os mais justos pedidos do seu povo, e, ironicamente, mandava-lhe aquella amarga resposta que a formiga dera á cigarra: — Cantavas? pois dança agora! —

E tal foi a injusteza do dito ás circumstancias, que, o mais profundo desprezo acolheu a soez graçaola.

Como vinha a calhar dizer ao publico onde e como canta essa cigarra!

Sim, dize-lhe, ahí, que a cigarra cantou e canta desde o paiz da Desolação até os confins do cabo Barrow; desde Magazaki até as West Indies; que cantou em Cavite, junto dos americanos; que canta sobre os campos da California; sobre os gelos de Alaska ou sob as chammas dos tropicos; e que ainda agora, lá está cantando entre os boers, no Transvaal. Por toda a

parte onde o trabalho ampara os seus martyres. lá está essa triste e pequeniua cigarra a cantar para matar a fome aos filhos, aos filhos queridos que ella deixa em pleno oceano, n'esse escarpado ninho de rochedos que se chama a ilha Brava.»

Interrompo a inflamada phantasia do amigo e continuo.

Está, pois, simplesmente adiada a questão: não está morta nem abandonada.

Entretanto o que está acontecendo a S. Vicente é uma lição. Os mindelenses deviam, mais cedo, ter comprehendido esta situação e não admittir uma exploração dos seus rendimentos.

Qual é a razão que justifica esse absurdo de se lançar mão dos rendimentos de S. Vicente para embellezar a capital, deixando Mindello na falta de tantas obras de primeira necessidade?

Porque é que, criminosamente se difficulta a instituição d'uma milicia de bombeiros em S. Vicente? Porque é que, ao contracto da illuminação electrica do Mindello, se acrescenta uma clausula que afiasta os concorrentes e inutilisa os esforços da camara de S. Vicente?

Porque é que se cavam animosidades entre duaa ilhas irmãs, negando a uma tudo aquillo que, n'uma cegueira impolitica, se vae conceder a outra?

Decididamente o governo provincial afina pelo diápsão do da metropole. A mesma desorientação os guia. Em Portugal as medidas sanitarias universalmente chacoteadas, verberadas pela sciencia. cavam um abysmo entre Lisboa e Porto; em Cabo Verde, certas iracundas parcialidades, accendem odios entre Mindello e Praia!

A parvoice maldosa esfusia, pois, em toda a linha.

A mudança da capital, porêu, saiba-se, não morreu.

E. TAVARES.

PALESTRAS

— Qual é a verdadeira origem da decadencia de Cabo Verde?

— Eu lhe digo. Um pouco de egoismo e um bocado de imprevidencia.

— E d'onde derivam esses dois factores de tão grande prejuizo economico?

— Da indolencia propria dos seus habitantes e da falta de instrucção. Aquella modifica-se com esta, porque cria necessidades que levam o homem ao trabalho.

— Mas...

— Não ha nada a oppôr a este axioma. Eduque-se primeiro o povo, dê-se-lhe escolas com profusão, regidas por bons mestres, e tudo se transformará em curto prazo.

— Deixe-me sempre observar-lhe que concordo com a indolencia d'este povo, mas não vejo esse egoismo e essa imprevidencia de que falla.

— Ora essa! Está a metter-se pelos olhos dentro. O que vê o senhor em geral fazer aos grandes proprietarios, aos grandes lavradores do archipelago, a esses homens que deveriam ser os dirigentes e os iniciadores dos melhoramentos da sua terra? Nada.

As culturas são as mesmas de ha 200 annos; são os seus processos os mais primitivos e rudimentares. As industrias não soffreram aperfeçoamento algum, e bem ao contrario algumas decabiram. E porque perguntará?

Porque os rendimentos dos proprietarios são bastantes para vegetarem no meio em que vivem, sem

¹ Nota indispensavel: Isto passou-se ha mezes; nada tem com a digna interinidade do actual desempenho d'esses garcos.

preoccupações e sem fadigas; quando podiam augmentar as suas culturas, valorisar mais os seus terrenos, explorando-os e beneficiando os em proveito seu e do bem geral.

E que se chama isto senão egoismo?

— Mas a imprevidencia de que fallou?

— Essa abrange todas as classes, desde os mais ricos até aos mais pobres. Olhe: imprevidencia é tudo o que por ahí vemos e sobre que fixamos a nossa observação demorada e reflectida. Não vê em Cabo Verde, quando chove regularmente, brotar tudo espontaneamente d'este feracissimo solo, não vê então a abundancia por toda a parte? Não vê depois exportarem-se centenas de moios de milho e de feijão, em valor superior a 80 e 100 contos de réis? Não vê n'essas epochas o povo alegre e despreoccupado, entregue a festas constantes, desperdiçando tudo o que possui, sem se importar com o dia de amanhã? Não vê depois chegar a nova quadra das chuvas e não ter ás vezes nem sementes para lançar á terra? Não vê, se as chuvas escasseiam ou se falham, em poucos mezes tudo na maxima miseria e o povo cheio de fome a pedir de comer ao governo, que tem de o socorrer com mantimentos e com trabalhos publicos? Não vê mesmo alguns dos grandes proprietarios com os seus celeiros vazios?

E o que é isso senão a mais deprimente imprevidencia!

Não vê ha mais de 80 annos clamar-se por todos os meios e por todas as fórmas que as condições meteorologicas do archipelago se modificariam com a sua arborisação? E que se tem feito? Uma ou outra sementeira ou arborisação custeada pelo governo, algumas sementes e estacas distribuidas aos agricultores. E estes com que esforços teem secundado o governo?

Alguns d'elles, suprema irrisão, ainda se fazem rogados, quando o governo lhe quer arborisar as terras!

Ora diga-me francamente: o que é tudo isto senão imprevidencia?

— E se o povo não vender o que colhe, como ha-de vestir-se, pagar as rendas e as decimas ao Estado? Como poderão os grandes proprietarios arborisar extensas planicies sem capitaes avultados?

— O povo não carece de vender tudo o que colhe da terra, se for providente, trabalhador e economico. Mais de metade da semente de purgueira fica muita vez por colher em annos abundantes, por falta de braços para isso. N'esses tempos aureos procuram-se trabalhadores e não se encontram. Emquanto ha feijão que colher no lugar, milho na talha, aguardente no garrafão e porco para abater, fazem-se batuques, festas e baptisados pomposos e não se trabalha. Não pensam nas decimas nem procuram saber o que teem a pagar. Só o sabem quando lá lhes vae á porta o official de diligencias com o relaxe, que lhes custa o triplo ou o quadruplo do que tinham a pagar. Então é que se lembram de colher a purgueira e de procurar trabalho.

Os grandes proprietarios não podem de uma só vez arborisar todos os seus vastos terrenos sem grandes capitaes; mas podiam em cada anno, e por zonas, fazel-o sem grandes sacrificios. Se adoptassem esse systema, ha mais de 30 annos que o archipelago estaria arborisado.

— Mas o povo, que é remisso em pagar decimas e imprevidente, como diz, paga sempre as suas rendas.

— Paga-as e porque as paga? Porque o proprietario não lhe deixa fazer a colheita e o desfructo da propriedade, sem o previo pagamento da renda, ou sem que deposite uma caução, que é, em geral, parte dos fructos pendentes. É uma tutela que exercem so-

bre o povo. E se, como esta providencia, que redundava absolutamente em seus interesses, adoptassem outras alligantés ao bem geral, como obrigar os rendeiros, por seus contractos, a depositar n'um celeiro geral uma terça parte dos cereaes, a plantarem em certo numero d'arvores nos terrenos, a crearem em cada aldeia uma escola, obrigando os filhos a frequental-a, as condições de vida do povo caboverdeano transformar-se-hiam bem depressa.

— Mas tudo isso é bom de dizer, mas difficil de executar.

— Não é desde o momento em que haja o exemplo e haja a tutela. Esta gente precisa de ser tutelada e os exemplos devem partir dos mais illustrados.

— Ainda assim as culturas são pobres.

— Não são. Está enganado. O café é um producto riquissimo e o que precisa é desenvolver mais a sua plantação. A purgueira não é dos mais ricos productos, mas, ainda assim, é bastante importante e a purgueira nasce quasi espontanea. O assucar é bom, mas não o sabem fabricar e não o refinam. A borracha dá aqui esplendidamente: é hoje um producto riquissimo em toda a parte. O algodão vegeta bem, mas não o propagam. A palma christã tem grande acceitação nos mercados europeus; mas não a colhem.

Cabo Verde não é um S. Thomé, uma Ambaca, um Casengo, uma Beira; não poderá ser nunca uma colonia riquissima, mas pode ser-o rica.

— Ha todavia a ponderar que o commercio não acceita bem alguns productos e paga mal outros.

— Isso é negocio de mais largo folego. Deixemos o assumpto para outra palestra e venha mais cedo.

XIMENES.

INFELIZES

São, sem duvida, algumas classes de funcionarios publicos da Provincia. E para ellas, — consideradas como que pleonasmos na confusa syntaxe burocratica, e cujos protestos e reclamações são como um zumbido passageiro aos ouvidos dos que trajam o opulento laticlavo do poder, — para ellas, não é favor, senão justiça, defendel-as na Imprensa. E' o principio santo de Terencio: — *Homo sum; et nihil humanum alienum à me reputo.*

Ha bem pouco tempo ainda, os professores primarios, os graves pedagogos, resentindo-se, como diria o meu collega e amigo Silva Araujo, da origem da sua denominação, andavam para ahí atascados na miseria. 10:000 réis por mez. D'esta importancia, ou, melhor, insignificancia, eram mensalmente abatidos 30 réis para sello de folha! ... Aqui está quem fez parte d'essa Legião d'ilotas ... Afinal, veiu um dia o saudoso Serpa Pinto e os cofres publicos deveram de contar mensalmente mais 15:000 réis para cada professor. Elle, o grande governador, comprehendeu, que um mestre-escola não pôde, em jejum, fazer preleções ...

Recentes Lycurgos deram tamhem ultimamente, e com justiça, um vencimento de 20:000 réis por mez aos jizes municipaes, que d'antes nada *percebiam* ...

Ha, porém, ainda muita injustiça a reparar. Atraz dos contemplados vêm as tribus famulentas dos Regedores de parochia, amanuenses das repartições de Fazenda concelhias, sub-delegados do Procurador Regio e cabos de policia, etc. etc. etc. Os regedores de parochia devem ter um ordenado. Não é justo que, como acontece, estejam, sem o menor estipendio, sujeitos

aps caprichos dos administradores de concelho, abandonando, muita vez com graves prejuizos, os seus negocios domesticos, para acudirerem frequentemente ás ordens dos seus superiores, alguns dos quaes são demasiadamente exigentes e importunos.

Sejam pagos os delegados do Governo pelo cofre provincial, para que os regedores o possam ser tambem, mais facilmente, pelos cofres municipaes.

Os amanuenses das repartições de Fazenda concelhias, trabalhando mais, sem duvida, que os contraes, ganham, sem embargo, menos. Porque os segundos aquinhão dobrado vencimento.

A favor dos primeiros: — Em alguns concelhos, onde o cargo d'escrivão de Fazenda é exercido pelos chefes fiscaes, os amanuenses auxiliam sempre os trabalhos aduaneiros, d'escripturação.

É, portanto, de justiça que, quando mais se não queira fazer, os vencimentos dos primeiros sejam equiparados aos dos segundos.

Os subdelegados do Procurador Regio foram olvidados, quando se creou a lei que estipendiou os juizes. Ora, muito não era que se lhes augmentasse o ordenado, elevando-o de 16\$000 a 20\$000 réis mensaes.

Os patrões-móres, excepto os de S. Vicente e da Praia, devem ganhar mais. São tambem dos necessitados. O Governo decerniu-lhes uma remuneração, que offende a magestade da Nação.

Cabos de polícia. Uns párias. Uns desgraçados, que estão sempre de pé no ar e ouvidos á escuta, esperando as imperiosas e inadmiáveis intinações dos regedores e administradores.

Causa dó vêr esses desgraçados deixar os seus peñates, onde muita vez ficam chorando uns filhinhos com fome, para correrem, muita vez a enormes distancias, cumprir ordens de quem mais póde, Muitos perdem o salario n'estas diligencias. É, pois, justo que se dê a esses modernos escravos uma recompensa, — pelo menos quando trabalharem. Mas moirejarem gratuitamente! ... *Dura lex*. Dura e barbara. Quem os protege? Os tyranos do povo são irmãos. Entendem-se bem. Appius e Oppius são dois nomes, que se confundem facilmente ... Mas a miseria triumphará um dia. Ainda, se os Consules se contentassem com hervas! ... Mas não, — diz com os seus bolões o observador imparcial, com uma ironia pungente, mas triste:

— Mas não ... Morreu o tempo em que um Cincinnatus recebia a purpura consular á charrua, lavrado a sua modesta herdade, e um Curius, por premio de salvar a patria, desejava, unicamente, uma geira de 700 varas em quadrado! ...

Não se façam, portanto, injustiças aos pequeninos. Dar demasiado a uns, e nada a outros, é iniquo.

Desaffronte-se a magestade nacional.

Namos já n'uma epocha, em que o *jus civitatis* está na consciencia de todos os homens até aos quaes poude chegar a diaphana luz da Civilização, e repugna a todas as consciencias a violencia do mando como o abuso do poder.

Todos sabem porque é que houve outr'ora uma lucta, que a historia chamou *guerra inexpiable*.

Culpada é esta desprezível sociedade, que se embioca na tunica das conveniencias pessoases, e — fitando, exclusivamente os seus interesses — esquece que todos os homens são irmãos e que os fortes devem proteger os fracos. Mas ninguem pensa assim. Enquanto os felizes ostentam o anel de Polycrato e arastam o soberbo manto d'oiro d'Alcibiades, póde o proletario, o plebeu, o pária, qu'importa? ser despeñhado, sem appellação, da Tarpéa da Injustiça ...

Antes de nos despedirmos d'este artigo, digamos,

que seria para desejar, que nas nomeações para os cargos de aspirantes d'alfandega fôsem preferidos a particulares, alguns dos quaes ineptos, guardas d'alfandega idôneos, ou amanuenses das repartições de fazenda concelhias com tirocinio e competencia.

Hoje que, mais do que nunca, *quem não tem padrinhos morre moiro*, alguns guardas d'alfandega, aliás intelligentes, sérios, idoneos, têm sido preteridos n'essas nomeações por individuos estranhos aos quadros, alguns dos quaes menos competentes.

Para este assumpto chamamos a attenção dos senhores administradores das alfandegas e a de S.^a Ex.^a o governador, na firme expectação de que no futuro não serão esquecidos ainda os desprotegidos.

E, se por sobre estas ruinas da moralidade antiga passeia ainda um cothurno de homem de bem, dê-se a cada um o que lhe fôr devido. Haja um Graccho mais, que o que deve distinguir os homens não é o sangue nem a côr, mas tão sómente o merecimento.

E, para não incommodar mais o leitor, pomos ponto, dizendo como os advogados da antiga Roma: — *Fiat justitia, ruat aut non ruat coelum*.

E isto, se a justiça, ainda existe na terra ...

Bôa vista.

LOPES DA SILVA

BOA VISTA

(A Antonio Cleophas dos Santos)

Teríamos faltado a um dos nossos mais sagrados deveres patrioticos, se ainda demorássemos de vir em publico prantear a sentida morte do nosso dedicado patriocio e bom amigo Antonio Cleophas dos Santos, de quem a *Revista* soube tão bem pôr em relevo as nobres qualidades que distinguiam aquelle desditoso patriocio, que muito honrava este pobre cantinho de Cabo Verde — patria que o viu nascer — de que elle, vivendo ausente, nunca esquecera nas criticas occasiões das terriveis crises alimenticias, enviando sempre mantimento para aqui ser distribuido aos seus mais infelizes conterraneos, então acossados pela fome! ...

Alma bondosa: — Deus te recompensará lá na mansão dos Justos onde dormes em paz o somno eterno!

Já a illustre commissão municipal d'esta ilha, deliberará consignar no livro das actas das suas sessões, um voto de profundo sentimento pela perda irreparavel de tão caritativo filho, e, teria tido em seguida *exequias* na nossa Igreja matriz de Santa Izabel, suffragando a sua alma, se, inesperadamente não tivesse então o respectivo parochio, de seguir no paquete para a ilha do Sal (onde é tambem encarregado de parochiar, de vez em quando).

Cabo Verde ullimamente tem perdido prestimosos filhos! — Triste sina, fatal destino n'este descambar do seculo!

A Providencia Divina, porém, lançará sobre nós a sua misericordiosa Benção.

A' inconsolavel familia do illustre finado, sempre lembrado, aqui deixamos lançado o nosso profundo sentimento de pesames; depondo sobre a sua campa fria uma corôa de eterna saudade, como prova do nosso impenso pesar.

S. A. F.

A sabir brevemente:

A RODA DE CABO VERDE

Um volume de 100 paginas approximadamente, por L. Loff de Vasconcellos.